

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
CENTRO DE ARTES E LETRAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO
E DA COMUNICAÇÃO APLICADAS À EDUCAÇÃO

Jady Martins

**PODCAST NAS SALAS DE AEE: ESTUDO DE CASO COM ALUNOS
COM SÍNDROME DE *DOWN***

Constantina, RS
2017

Jady Martins

Podcast nas salas de AEE: estudo de caso com alunos com Síndrome de *Down*

Artigo de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização Tecnologias da Informação e Comunicação Aplicadas à Educação (EAD), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Tecnologias da Informação e Comunicação Aplicadas à Educação**.

Aprovado em 23 de junho de 2017:

Anidene de Siqueira Cecchin, Mestre, (UFSM)
(Presidente/orientador)

Solange Pertile, Doutor, (UFSM)

Susana Cristina dos Reis, Doutor, (UFSM)

Constantina, RS
2017

PODCAST NAS SALAS DE AEE: ESTUDO DE CASO COM ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN

PODCAST IN SPECIALIZED EDUCACIONAL ATTENDANCE CLASSROOMS: CASE STUDY WITH DOWN SYNDROME STUDENTS.

Jady Martins¹, Anidene Cecchin²

RESUMO

O uso de tecnologias de informação e comunicação nas Salas de Atendimento Educacional Especializado (AEE) vem se tornando uma realidade nos dias atuais. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é reportar um estudo de caso que investigou as potencialidades de uso do *Podcast* nas salas de atendimento educacional especializado, com alunos que possuem Síndrome de Down, para trabalhar a oralidade, focando principalmente na parte comunicacional. Para isso foi feito um estudo de caso com dois alunos portadores de Síndrome de *Down*, no qual eles relataram histórias que foram gravadas e após apresentadas aos alunos e professores da escola por meio de um *blog*. O estudo revelou que estimular a comunicação dos alunos é fundamental para melhorar a oralidade deles, e que o estímulo à linguagem e a fala vai além da escola e da sala de aula, necessitando, assim, de um envolvimento familiar e de outros profissionais da área em um trabalho multidisciplinar.

Palavras-chave: Oralidade, *Podcast*, Inclusão, Comunicação, Estudo de Caso.

ABSTRACT

The use of information and communication technologies in Specialized Educational Assistance Rooms (AEE) is becoming a reality nowadays. The objective of this article is to report a case study that investigated the potentialities of using the *Podcast* in the rooms of specialized educational service, with students who have Down Syndrome, to work orality, focusing mainly on the communication part. In this sense, the present article addressed the use of the *podcast* in a state school in its resource room, with children with Down Syndrome, in order to improve their orality and communication of the same. For this, a case study was made with two students with Down Syndrome, in which they reported stories that were recorded and then presented to students and school teachers in a *blog*. The study revealed that stimulating student communication among them is fundamental to improving their orality, and that the stimulus to language and speech goes beyond the school and classroom, thus requiring a family involvement and other professionals in the area.

Keywords: Orality, *Podcast*, Inclusion, Communication, Case Study.

¹ Formada em Comunicação Social habilitação em Relações Públicas.

² Mestre em Tecnologias Educacionais em Rede PPGTER/UFSM e doutoranda em Letras PPGL/UFSM.

1 INTRODUÇÃO

A educação inclusiva traz benefícios para a sociedade e para todos os envolvidos no processo educativo, ou seja, pais, alunos e professores, pois propicia um ambiente no qual os indivíduos aprendem a respeitar, a compreender e a admirar as qualidades de todas as pessoas, independentemente de suas diferenças físicas e cognitivas.

Com isso em mente, diante das inúmeras possibilidades de recursos e de formas de apoio que se apresentam no cenário educativo contemporâneo, as tecnologias digitais têm revelado diversificadas formas de atuação no campo de saber da Educação Especial, principalmente na concretização de planos de ação para o Atendimento Educacional Especializado (AEE).

Teixeira (2010, apud SOUZA, 2016, p. 536) analisa que dentre as importantes mudanças que a escola e o professor precisam incorporar, destaca-se a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), que constituem um diversificado conjunto de recursos tecnológicos, tais como computadores, internet e ferramentas, os quais compõem o ambiente virtual, como *chats* e correio eletrônico; fotografia e vídeo digital; TV e rádio digital; telefonia móvel; *Wi-Fi*; *Voip*; *websites* e *home pages*, ambiente virtual de aprendizagem (AVA) para o ensino a distância, entre outros.

É necessário incluir TIC nas salas de AEE, pois acredita-se que as tecnologias possam impulsionar e motivar o desenvolvimento das crianças. Conforme Tapscott (1999, p.67) “os recursos possibilitam uma mudança no aprendizado transmitido para o aprendizado interativo e oferecem grandes promessas de um novo modelo de aprendizagem, baseado na descoberta e na participação”. Dessa maneira, o uso das tecnologias surgem para complementar o modo de ensino, além de ajudar no desenvolvimento da criança.

Com isso em mente, busca-se abordar o uso da tecnologia para melhorar a oralidade e comunicação das crianças, visto que, Dias (2001, p.36) afirma que “não se trata, simplesmente, de se ensinar a criança a falar, mas de desenvolver sua oralidade e saber lidar com ela nas mais diversas situações”. Desse modo, o objetivo deste artigo é reportar um estudo de caso que investigou as potencialidades de uso do *Podcast* nas salas de atendimento educacional especializado, com alunos que possuem Síndrome de Down, para trabalhar a oralidade, focando principalmente na parte comunicacional.

Por meio disso, justifica-se o trabalho com o uso do *Podcast* para acompanhar o desenvolvimento dos alunos, focando especialmente na parte da comunicação e oralidade, através das histórias contadas pelos mesmos, pois acredita-se que estimular sua fala e o uso da linguagem é um fator tão importante quanto relevante para o seu crescimento educacional e até mesmo pessoal.

Nesse contexto, o *Podcast* torna-se uma ferramenta para auxiliar a comunicação dos alunos, pois pesquisas recentes têm apontado a ferramenta *Podcast* como uma possível aliada ao desenvolvimento da oralidade, sem exigir alto nível de letramento digital por parte de seus usuários (REIS et al, 2012; REIS; GOMES, 2014; Tomé, 2012). Desse modo, busca-se meios práticos e básicos para inserir o *Podcast* nas salas de AEE com alunos com Síndrome de *Down*.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, p. 120) afirma que a aprendizagem oral possibilita a comunicação de diversas áreas, além de influenciar o outro, estabelecendo relações interpessoais. Desse modo quanto mais o aluno puder se expressar de forma oral, em diferentes contextos, mais ele irá desenvolver a comunicação de maneira significativa. Nesse sentido, estimular a criança desde o começo é um fator determinante para se obter bons resultados e assim conseguir com que ela possa se expressar de maneira mais clara e objetiva.

Para atingir seu objetivo, este artigo encontra-se organizado em quatro seções, sendo elas: a primeira, que aborda sobre a comunicação e o trabalho de oralidade com crianças com Síndrome de *Down*, focando na importância da inclusão e como a comunicação faz parte da inclusão. A segunda, destina-se para focar o uso do *Podcast* nas salas de AEE, como ele se torna um recurso tecnológico que auxilia no desenvolvimento dos alunos para trabalhar a oralidade e a sua comunicação. A terceira apresenta a metodologia que foi utilizada para alcançar o objetivo proposto; e a quarta parte traz a análise e discussão dos dados obtidos a partir da prática efetuada com os participantes. Por fim, as considerações finais salientam as primeiras conclusões sobre o estudo realizado.

2 AS TECNOLOGIAS E A SALA DE AEE

O AEE é um serviço da Educação Especial que identifica, elabora e organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade, para que eliminem barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas. Ele deve ser

articulado com a proposta da escola regular, embora suas atividades se diferenciam das realizadas em salas de aula de ensino comum (MEC, 2009).

Nesse viés, pensando a importância da comunicação nesse contexto, Chiavenato (2000, p. 142) diz que “comunicação é a troca de informações entre indivíduos. Significa tornar comum uma mensagem ou informação”. Desse modo, pensar a comunicação como forma de inclusão é uma questão que auxilia nesse processo. Com base nisso Hogetop e Santarosa (2002) afirmam que essa comunicação só é viável através de tecnologias assistivas, mais especificamente pela comunicação alternativa e complementar.

As tecnologias surgem para aprimorar o modo de transmitir o conhecimento. Moran (2008, apud SOMBRIO, 2011, p. 4) afirma que “escolas não conectadas são escolas incompletas, onde alunos sem acesso contínuo às redes digitais estão excluídos do acesso à informação variada e disponível *online*”. Nesse contexto, Warschauer (2006, p.21) afirma que o acesso às TIC vai além de fornecer computadores e internet, é necessário para que haja inclusão digital que recursos físicos, digitais, humanos e sociais participem desse processo.

Diante disso, se pensarmos as tecnologias como forma de inclusão, elas surgem como ferramentas de apoio. A inclusão, de acordo com Sasaki (2010, p. 40), “é um processo que contribui para um novo tipo de sociedade através de transformações, nos ambientes físicos (...) e na mentalidade de todas as pessoas”. Assim, a inclusão escolar proporciona oportunidade do saber para toda e qualquer pessoa, independentemente de suas limitações e garantindo o direito à educação de qualquer cidadão como está na Constituição. Considera-se que,

Todos os defensores da inclusão devem unir-se no reconhecimento de que as escolas que implementam práticas educacionais sólidas são boas para todos os alunos. [...]. O fator mais importante é ter coragem para fazer o que é certo, apesar dos desafios e das barreiras que surgem. O resultado é um sistema educacional mais forte e mais eficiente para todos os alunos. (STAINBACK; STAINBACK, 1999, p. 85).

Portanto, o acesso às TIC favorecem a inclusão social, através da melhoria na educação, assistência médica e administração pública, bem como a superação da exclusão social, no mundo digital (WARSCHAUER, 2006).

Para ensinar àqueles que irão se defrontar com o mundo onde tudo passa pelo conhecimento e pela informação veiculada em jornais, livros, manuais escolares,

Internet, o professor deve estar muito bem preparado porque é ele quem trabalha com os alunos diversas possibilidades de gêneros textuais e/ou digitais, com suas características, para que o aluno tenha melhor compreensão das informações presentes no texto, pois como afirma Morin (2007):

Mesmo no fenômeno da percepção, através do qual os olhos recebem estímulos luminosos que são transformados, decodificados, transportados a um outro código, que transita pelo nervo ótico, atravessa várias partes do cérebro para, enfim, transformar aquela informação primeira em percepção. (MORIN, 2007. p.81)

Segundo Valente (1993, p.3), o uso inteligente do computador na educação pode ser um importante recurso para promover a passagem da informação ao usuário ou facilitar o processo de construção de conhecimento. De acordo com Hogetop (2002, p.103):

A evolução das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) é contínua e acontece atualmente numa velocidade que impõem constantes reformulações do nosso “saber fazer”. Realmente não conseguimos acompanhar o ritmo das novidades nesta área. Os investimentos para o avanço da informática se fazem em todos os campos das atividades humanas, condicionando nossa vida cotidiana e trazendo mudanças nos modos de representação e percepção da realidade, uma “Mutaçao Antropológica”, como bem nos faz lembrar Levy (1998).

Nesse contexto, a Educação Especial tem sido particularmente revolucionada e impulsionada a reformular seus antigos parâmetros e paradigmas, para pensar sua ação e resignificar o sujeito da sua atenção, passando a valorizar sua linguagem particular, sua sensibilidade, seu conhecimento e imaginação.

Segundo Moran (2000, p.64),

As tecnologias permitem um novo encantamento na escola, ao abrir suas paredes e possibilitar que alunos conversem e pesquisem com outros alunos da mesma cidade, país ou do exterior, no seu próprio ritmo. O mesmo acontece com os professores. Os trabalhos de pesquisa podem ser compartilhados por outros alunos e divulgados instantaneamente na rede para quem quiser. Alunos e professores encontram inúmeras bibliotecas eletrônicas, revistas *online*, com muitos textos, imagens e sons, que facilitam a tarefa de preparar as aulas, fazer trabalhos de pesquisa e ter materiais atraentes para apresentação. O professor pode estar mais próximo do aluno. Pode receber mensagens com dúvidas, pode passar informações complementares para determinados alunos. Pode adaptar a sua aula para o ritmo de cada aluno. Pode procurar ajuda em outros colegas sobre problemas que surgem, novos programas para a sua área de conhecimento. O processo

de ensino-aprendizagem pode ganhar assim um dinamismo, inovação e poder de comunicação inusitada.

Desse modo, percebe-se o quanto o uso das tecnologias são vantajosas se utilizadas de maneira adequada e com objetivos, podendo contribuir para o crescimento dos alunos e dos professores, além de expandir o conhecimento para além do livro e de formas consideradas tradicionais.

3 O USO DO PODCAST NA EDUCAÇÃO

O *podcast* é uma tecnologia de informação e comunicação que foi criada em 2004 e de acordo com Moura (2010, apud REIS, 2014), o que diferencia esse recurso de um simples arquivo de áudio Mp3 ou Mp4 disponível na Internet, é um agregador que proporciona subscrever fontes de notícias em formato RSS (*Real Simple Syndication*). Assim, ele pode conter informações de diversas relevâncias, como notícias, histórias, informações, músicas. Para Rosell-Aguilar (2009, apud, REIS 2014, p. 370), o *podcast* é qualquer arquivo na modalidade de áudio, independente do contexto *online* em que são publicados (*sites, blogs, repositórios, redes sociais, entre outros*), desde que alimentados por feeds RSS.

Pensar no uso do *podcast* nas salas de aula como ferramenta para transmissão do conhecimento, é uma realidade que vem sendo utilizada. Segundo Bottentuit Junior e Coutinho (2009, p. 2122-2123), “o uso do *podcast* proporciona ao professor a possibilidade de oferecer materiais didáticos (aulas, tarefas, entrevistas e documentários) em formato de áudio para que os alunos possam ouvi-los em diferentes situações, locais e quantas vezes forem necessárias antes de realizarem a tarefa”. Tomé (2012, p.149) destaca, ainda, outras características importantes dos *podcasts*,

Tais como: a fácil produção e edição na Internet, a boa funcionalidade e a portabilidade, já que o uso dessas tecnologias pelos estudantes pode ser inclusive em dispositivos móveis como celulares, *Mp3, Mp4* ou outros. Os jovens estão cada vez mais inseridos nesse mundo tecnológico, assim utilizar ferramentas que envolvem o uso dessas tecnologias é proporcionar aos alunos maior interesse nas atividades e na busca pelo saber.

No contexto desta pesquisa, o *podcast* constitui-se como ferramenta para auxiliar a oralidade e comunicação dos alunos. Destaca-se, aqui, pesquisas recentes,

que abordam sobre o seu uso como ferramenta para usar dentro e fora da sala de aula, tais como o trabalho “Ferramenta para auxiliar no aprendizado de língua estrangeira” de REIS; GOMES (2014); TOMÉ, (2012); ou, ainda, Bottentuit (2009), ao investigar sobre o uso dessa ferramenta para auxiliar no ensino de deficientes visuais, apontando o *podcast* como uma possível aliada ao desenvolvimento da oralidade, sem exigir alto nível de letramento digital por parte de seus usuários, entre outros.

Desse modo, busca-se meios práticos e básicos para utilizar o *podcast* com alunos com Síndrome de *Down*, possibilitando-lhes melhorar sua comunicação, trabalhando a oralidade, ou seja, investigar formas de inserir um trabalho que promova o desenvolvimento de tais habilidades.

4 AÇÕES METODOLÓGICAS

Esta pesquisa qualitativa é um estudo de caso, que segundo Motta-Roth e Hendges (2010, p. 114), “possibilita o estudo de um indivíduo ou grupo a fim de obter generalizações a partir de uma análise”.

Para desenvolver este estudo de caso foi realizada, previamente, uma entrevista estruturada, com as professoras dos alunos tanto a da sala de recurso como a da sala de aula. É necessário ressaltar que, segundo Marconi e Lakatos (1999, p.94), entrevista estruturada é o “encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de um determinado assunto”. Entende-se, ainda, por sala de recurso como uma sala multifuncional que está dentro da escola para auxiliar e contribuir no conhecimento dos alunos que possuem alguma necessidade especial, a qual complementa o ensino da sala de aula tradicional, através de atividades dinâmicas e interativas. Após a entrevista, iniciou-se o trabalho de produção dos podcasts com os alunos.

Para documentar todo o processo e, com a intenção de disponibilizar aos pais e profissionais da área, interessados em conhecer o trabalho desenvolvido, todos os áudios, fotos e vídeos produzidos na pesquisa estão organizados em um *blog*, criado para esse fim, denominado *O aprender com outro olhar*³.

Destaca-se, também, que o *blog*:

³ Disponível em: <<http://oaprendercomoutroolhar.blogspot.com.br/>>

é uma abreviação de *weblog*, ou registro eletrônico, e apresenta um caráter dinâmico e de interação possibilitados pela facilidade de acesso e de atualização. O que distingue o blog de um site convencional é a facilidade com que se pode fazer registros para a sua atualização, o que o torna muito mais dinâmico do que os sites pois sua manutenção é mais simples e apoiada pela organização automática das mensagens, ou posts, pelo sistema, que permite que novos textos sejam inseridos sem a dificuldade de atualização de um site tradicional. Seus registros aparecem em ordem cronológica inversa (o último lançamento aparece sempre em primeiro lugar) e utiliza programas simples que praticamente exigem apenas conhecimentos elementares de informática por parte do usuário. (CICLO A, CICLO B, 2003).

Portanto, a escolha do *blog* como ferramenta para divulgação do trabalho realizado, deve-se ao fato de este ser prático, simples e de fácil entendimento para todos. Por se tratar de crianças com necessidades especiais, utilizar ferramentas simples, auxilia no acesso e uso das tecnologias. O *blog* criado serve como diário de tudo que foi realizado com os alunos, pois possui todos os áudios gravados disponíveis para todos que tenham interesse em conhecer o desenvolvimento do trabalho, bem como as atividades organizadas para a pesquisa.

4.1 PESQUISANDO A REALIDADE

A pesquisa foi realizada em uma escola estadual de Palmeira das Missões, a qual possui uma sala de recurso e AEE em sala multifuncional. A escola está localizada no centro da cidade e atende, em sua maioria, alunos com boas condições financeiras, contando com ensino fundamental, médio e magistério.

A sala de AEE da escola é coordenada por uma professora com formação na área da educação especial, que atende 3 alunos da escola, sendo dois com Síndrome de *Down* e um autista. Observa-se, ainda, na sala de AEE da escola, certa precariedade de recursos tecnológicos.

A professora possui apenas um *notebook*, no qual o sinal de internet é instável. Assim, a mesma trabalha com os alunos utilizando jogos educativos retirados da internet por *download*, limitando-se a essas atividades.

Por outro lado notou-se grande variedade de materiais didáticos como lego, material dourado, ábaco, quebra-cabeça, boliche, entre outros, a serem trabalhados com os alunos que frequentam a sala de AEE. Muitos desses são recicláveis e outros são jogos dinâmicos, como bola, dominó, trilha numérica e vareta. Além disso, na parte da leitura, notou-se grande quantidade de livros infantis, todos no formato impresso.

4.2 PARTICIPANTES

Os participantes da pesquisa foram os alunos e a professora da sala de recurso, a qual está na escola há mais ou menos um ano e é professora exclusiva para a sala de AEE.

Os alunos participantes da pesquisa foram dois. Ambos possuem Síndrome de *Down*, um com 8 anos e outro com 10. Eles estudam em séries diferentes, o Aluno 1, de 8 anos, está no primeiro ano e o Aluno 2, de 10 anos, está no quarto ano e ambos possuem dificuldade na parte oral, ou seja, se comunicam muitas vezes através de gestos e sons, sem o uso de palavras concretas.

Esses alunos são amparados educacionalmente, ou seja, passam de ano indiferente do resultado das provas ou do crescimento de aprendizagem obtidos no período escolar; frequentam a sala de recurso duas vezes por semana, em média de uma hora e meia por dia, sendo que é atendido um aluno por vez, para que a professora consiga trabalhar mais pontualmente a dificuldade de cada um.

4.3 FASES DA PESQUISA REALIZADA

Inicialmente, foi feita uma observação dos alunos na sala de AEE para perceber-se como era a rotina escolar deles e também para que os alunos pudessem compreender a presença de outra professora na sala de recursos.

No segundo momento, conversamos com os alunos para compreender quais eram suas maiores dificuldades, conhecendo-os e explicando-lhes o motivo de outra professora na sala de recurso, proporcionando um momento de interação com a pesquisadora.

Por fim, explicou-se aos alunos como seria a intervenção na sala de aula, ou seja, que seria através do uso de um aplicativo de gravação, solicitando que eles contassem alguma história. Essa história poderia ser uma inventada por eles, ou alguma coisa que eles vivenciaram ou até mesmo por meio da escolha de um livro para contar.

Por fim, para analisar os dados gerados pela pesquisa desenvolvida, utilizou-se a entrevista estruturada, a produção dos alunos (transcrição de falas e histórias contadas nos *podcasts*) e depoimentos informais das mães dos alunos.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Em um primeiro momento percebeu-se que ambos os alunos investigados preferem atividades mais dinâmicas dentro da sala de aula, como por exemplo, atividades com bola, música ou brinquedos.

Após conversa com a professora, a mesma disse que, o Aluno/Participante 1 continuou comunicativo, visto que esse aluno tem mais facilidade para se comunicar com os outros colegas, e que o mesmo transmitiu para os demais colegas a história que ele contou sobre o seu aniversário. Utilizou durante suas gravações de áudio um violão para poder cantar enquanto gravava.

O Aluno/Participante 2 teve maior dificuldade de gravação no primeiro dia, pois não queria fazer e sim realizar outras atividades, diferentes daquela que era a proposta da pesquisadora. Sendo assim, optou-se por esperar o momento adequado e não forçar o aluno a falar.

Em outro momento foi solicitado que o Aluno/Participante 1 contasse uma história dos livros infantis, disponíveis na sala de AEE, o que foi realizado por ele com a ajuda da professora. Dessa forma contou e gravou seu segundo áudio.

Conforme o depoimento informal da professora da sala de recurso “o uso do *podcast* estimulou, desafiou e foi inovador no processo de escolarização das crianças com deficiência, principalmente em se tratando da parte oral desses alunos, que possuem dificuldade na conversação”. Com base nisso, a professora pretende continuar estimulando a contação de histórias dos alunos dentro da sala de AEE, juntamente com o uso do *podcast*, para que possa acompanhar o crescimento dos alunos quanto ao desenvolvimento da oralidade e comunicação.

Além disso, é necessário destacar que o Aluno/Participante 2, por motivos de saúde, compareceu em poucas aulas, nas quais foram feitas as intervenções e, por esse motivo, não pode realizar a pesquisa na íntegra. Desse modo os resultados e/ou avanços obtidos por ele, em comparação ao outro Aluno/Participante, foram menores.

Ao analisarmos o Quadro 1, com a transcrição de trechos dos áudios, que encontra-se nos anexos, pode-se perceber que o Aluno/Participante 1 conseguiu desenvolver mais as suas histórias, tanto as que ele contou sobre ele, quanto as que ele pegou nos livros para ler.

Quadro 1: Transcrição de história do Aluno/Participante 1

“eu ganhei uma bici, e eu vou andar, uma bici marrom, eu sento na bici, lá no parque, vou treinar”

Fonte: Trecho de história transcrita do Aluno/Participante 1

O Aluno/Participante 2 não conseguiu contar uma história escolhida até o final, pois foi se desviando facilmente do que era solicitado. Apesar disso, um fator igual para ambos os alunos foi que eles sabem finalizar as histórias contadas, um falando “fim” e o outro “tchau”, o que chamou a atenção na pesquisa. O Quadro 2 exemplifica esse momento.

Quadro 2: Transcrição de história do Aluno/Participante 2

“oi, macaco, ein, (risos), flor, (risos), papa, (risos), macaco, o que foi, o que foi, tchau”

Fonte: Trecho de história transcrita do Aluno/Participante 2

No momento em que o áudio foi apresentado aos Alunos/Participantes, o Aluno/Participante 1 não demonstrou muito interesse em ouvir suas próprias histórias, voltando sua atenção para outras atividades em sala de aula. No entanto, o Aluno/Participante 2 ouviu todas as suas histórias e sorria ao ouvir sua própria voz, interagindo com a ferramenta de gravação ao apertar os botões para gravar e parar.

De acordo com o depoimento informal, realizado de maneira informal pela mãe do Aluno/Participante 1, “registrar estes momentos e poder compartilhar depois com outros pais ou professores é essencial para o crescimento e inclusão dos nossos filhos. O trabalho nas salas de AEE, complementa o trabalho realizado pela outra professora e tem resultado positivo para os alunos, principalmente em casa”.

As Figuras 1 e 2 representam momentos de atividades realizadas pelos alunos participantes.

Figura 1: Aluno/Participante 1 na
contação de histórias com fantoche.



Figura 2: Aluno/Participante 2 escolhendo
livro para contar a história.



FONTES: Disponível em: <<http://oaprendercomoutroolhar.blogspot.com.br/>>

Ao analisarmos as Figuras 1 e 2, percebe-se que os Alunos/Participantes ficam bem à vontade na sala de AEE. Eles têm autonomia para escolher como se sentem melhor para realizar as atividades propostas, assim obtendo um resultado positivo em relação ao que é proposto.

Na Figura 1, podemos perceber a utilização de fantoches para a criação de histórias. Segundo Chaer (2012, p. 79) “nas apresentações com fantoches, a criança disponibiliza de movimentos, voz e linguagem espontânea. A apresentação de fantoches encerra muitos valores, dentre eles os principais são: incentivar a criação espontânea e oferecer oportunidades de linguagem”.

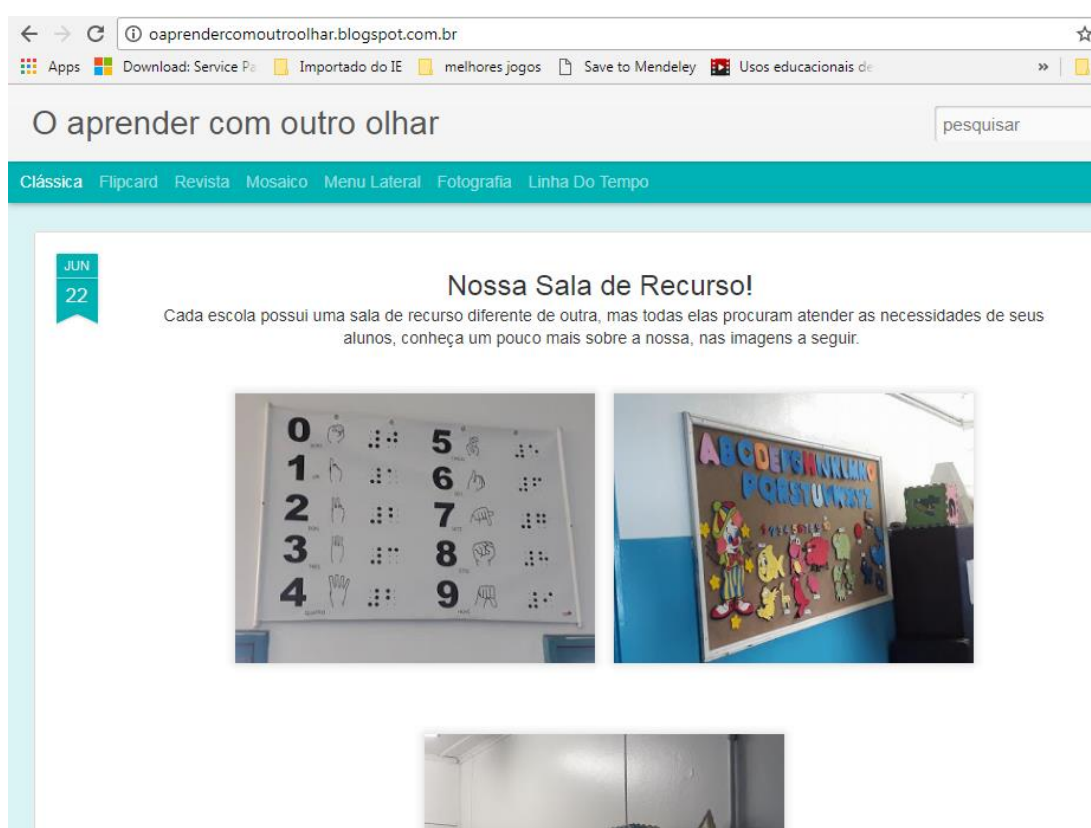
De acordo com o Referencial Curricular Nacional:

A ampliação da capacidade das crianças de utilizar a fala de forma cada vez mais competente em diferentes contextos se dá na medida em que elas

vivenciam experiências diversificadas e ricas envolvendo os diversos usos possíveis da linguagem oral. Portanto, eleger a linguagem oral como conteúdo exige o planejamento da ação pedagógica de forma a criar situações de fala, escuta e compreensão da linguagem (1998, vol. 3, p. 134).

O trabalho com *podcast* pressupõem a sua circulação em rede. Neste trabalho, utilizou-se o *blog* para compartilhar as atividades e os áudios produzidos durante a aplicação prática. A Figura 3 representa essa ferramenta.

Figura 3: O *blog* “O aprender com outro olhar”



FONTE: Disponível em: <<http://oaprendercomoutroolhar.blogspot.com.br/>>

Pode-se observar, também, que o resultado desta pesquisa vai além da sala de aula ou da sala de recurso. Após breve conversa informal com as professoras, constatou-se que os alunos fora da sala de aula precisam ser estimulados à comunicação, principalmente em casa e no seu dia-a-dia. Assim, “a participação dos pais é de suma importância para ampliar o vocabulário, a fala e a comunicação da criança com Síndrome de *Down*, além de estas crianças devem contar com o apoio

de outros profissionais principalmente, fonoaudióloga, pois são profissionais que se somam para formar a rede de apoio junto a criança”, afirma a professora da sala de aula.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi um estudo de caso que buscou inserir o uso de uma Tecnologia de Informação e Comunicação na sala de recurso de uma escola, a qual atende crianças com Síndrome de *Down*, com o objetivo de melhorar a comunicação e a parte oral desses alunos.

Percebeu-se que são poucas as tecnologias utilizadas de forma pedagógica dentro da sala de recurso, e essa escassez faz com que os alunos acabem se retraindo quando são apresentados a algum recurso tecnológico, como foi o caso da pesquisa usando o *Podcast*.

Os resultados obtidos através da entrevista estruturada feita à professora e a análise das histórias contadas pelos Alunos/Participantes mostram que o estímulo à comunicação, fala e oralidade vai além da sala de aula, tanto convencional quanto a de recurso. É possível inferir, ainda, que o fator familiar é fundamental para se obter bons resultados. Além disso, a soma dos conhecimentos construídos e compartilhados na escola a outros profissionais da área, geram um resultado melhor com os alunos.

Outro fator para se considerar na pesquisa, é o pouco tempo que a pesquisadora teve com os alunos na sala de AEE. Acredita-se que uma intervenção maior, que acompanhe todo o período escolar anual desses alunos, possa gerar melhores resultados.

Desse modo, por se tratarem de crianças com Síndrome de *Down*, sabemos o quanto o apoio de outros profissionais, além dos professores, é importante para o crescimento da criança até a fase adulta. Sabe-se também que nem todas as famílias possuem condições financeiras para um acompanhamento completo para seus filhos, e que muitas vezes apenas a escola se torna suporte para o aprendizado da criança, o que muitas vezes não é o suficiente para atingir os bons resultados. Diante disso, é possível depreender que pesquisas que possibilitem esses trabalhos devem incluir-se cada vez mais no contexto escolar.

REFERÊNCIAS

BOTTENTUIT JÚNIOR, J. B.; COUTINHO, C. P. 2009. Podcast uma ferramenta tecnológica para auxílio ao ensino de deficientes visuais. In: LUSOCOM: comunicação, espaço global e lusofonia, VIII, Lisboa, 2009. **Actas... Lisboa**, p. 2114-2126.

CHAER, M. **A importância da oralidade:** educação infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental. Pergaminho, (3):71-88, nov. 2012. Disponível em: <https://outlook.live.com/owa/?path=/attachmentlightbox>

CHIAVENATO, I. **Introdução à Teoria Geral da Administração**. 6. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

CICLO A, CICLO B. **O blog do Toni**. Disponível em: www.cicloaciclob.blogspot.com.br
Acesso em 20 de maio de 2017.

DIAS, A. M. I. **Ensino da Linguagem no Currículo**. Fortaleza: Brasil Tropical, 2001.

HOGETOP, L. **Tecnologias Assistivas:** Viabilizando a Acessibilidade ao Potencial Individual. Porto Alegre, 2012.

HOGETOP, L.; SANTAROSA, L. C. Tecnologias Assistidas: Viabilizando a Acessibilidade ao Potencial Individual. **Revista de Informática na Educação** -Teoria e Prática, PGIE/UFRGS, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 103-118, maio, 2002.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. (1999) **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Editora Artes Médicas Sul, Porto Alegre. 344p.

LEVY, P. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1998. (Trad. de Carlos Irineu da Costa).

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MORAN, J. M. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**, Ed Papyrus, 2000.

MORAN, J. M. As muitas inclusões necessárias na educação. In: RAIÇA, D. (Org) **Tecnologias para a educação inclusiva**. São Paulo: AVERCAMP, 2008. p. 38-52.

MORAN, J. M. **Tecnologia Educacional**. Rio de Janeiro, vol. 23, n.126, Set./Out. 1995, p. 24-26

MOURA, A. 2010. Da Web 2.0 à Web 2.0 móvel: implicações e potencialidades na educação. **Limite:** Revista de estudios portugueses y da la lusofonía, 4:81-104.

MORIN, E; ALMEIDA, M. C.; CARVALHO, E. A. **Educação e complexidade:** os sete saberes e outros ensaios. São Paulo: Cortez, 2007.

MOTTA-ROTH, D. Análise crítica de gêneros: contribuições para o ensino e a pesquisa de linguagem. **DELTA**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 341-383, 2008.

REIS, S. C.; GOMES, A. F.; LINCK, A. J. M. 2012. Uso de *Podcast* no Ensino de Língua Inglesa: Um estudo de caso. **Revista Escrita**, v. 15, 2012. p.1-18

REIS, S. C.; BOTTON, L.; VARGAS, R. **CINTED- Novas Tecnologias na Educação**. Iniciação científica em Letras com alunos da escola pública: letramento digital e produção de podcasts em língua inglesa no ensino fundamental. V. 12 Nº 2, dezembro, 2014.

Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil — Brasília: MEC/SEF, 1998.

SASSAKI, R. K. **Inclusão**: construindo uma sociedade para todos. 8ª ed. Rio de Janeiro: WVA, 2010.

STAINBACK, S.; STAINBACK, W. **Inclusão**: um guia para educadores. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

SOMBRIO, C. **O uso das TICs nas salas de recursos** TGD. V. 9 Nº 1, julho, 2011.

SOUZA, P. **O Professor e a Utilização das Tecnologias no Contexto Escolar**. Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus Universitário de Sinop, 2015/2.

TAPSCOTT, D. **Geração Digital**: A Crescente e Irreversível Ascensão da Geração Net. São Paulo: Makron Books, 1999.

TEIXEIRA, E.; ALENCAR, C. **Educação e novas tecnologias**: o papel do professor diante desse cenário de inovações. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/viewFile/2257/1749>

VALENTE, J. **O uso Inteligente do Computador na Educação**. Universidade Estadual de Campinas, 1993. Disponível em: <http://docplayer.com.br/246532-O-uso-inteligente-do-computador-na-educacao-jose-a-valente-nied-unicamp.html>

WARSCHAUER, M. **Tecnologia e inclusão social**: a exclusão digital em debate. São Paulo: Editora SENAC, 2006. cap.1-2, p. 29-78.

APÊNDICES

Apêndice A - Tabela com a transcrição das histórias contadas pelos alunos.

DIA	ALUNO	HISTÓRIA
1	1	“é meu aniversário, é meu aniversário, meu aniversário” Obs: história cantada no violão.
1	1	“eu ganhei uma bici, e eu vou andar, uma bici marrom, eu sento na bici, lá no parque, vou treinar”
1	2	“cobra, macaco, preguiça...”
1	2	“au au”
2	1	“na caverna, tudo muito bicho, olha o bicho, agora, sabe, o bicho não aparece, sabe, ó, olha agora coelho, o a pá, muito bicho, estava gritando, esse menino gosta de pegar o bicho esse, depois esse menino gosta de pescar o bicho esse, agora o homem vai pegar o bicho, e fim”.
2	1	“o peixe, um monte de peixe na floresta, o peixe, peixinho, aqui ó, um, dois, três, sabe, outro peixe, viu o peixe, muito aqui, um, dois, três, quatro, cinco, tem muito aqui, sereia e o peixe, a menina, o peixe, tem muito peixe aqui, ó, tem muito peixe e muita água, ta tudo o peixe no fundo do mar, sabe, e fim”.
3	1	“A história dos animais, eu

		vou contar tá profe?, muitos animais, esse livro tem muitos animais, tem macaco e a arara, depois o cachorro, depois a onça pintada, o lobo, jacaré, cobra, preguiça, tucano, come maçã, laranja, uva, arara, olhe piupiupiu, capivara, anta, tatu, tatu fica duro, peixe boi, boto cor de rosa, eu sei eu sei, o leão, tigre, rinoceronte, hipopótamo, girafa, gorila, zebra, todos os animais sabia, esquilo, a rena, a rena do papai noel, sabe eu vi o papai noel, trouxe meu presente, controle remoto e um avião, o urso, panda, o urso, foca, pinguim, olha esse aqui é um inseto, o cavalo marinho, o espinho dói na mão, e fim”
3	1	“massa, batata, arroz e feijão, o papai, teve suco de abacaxi, adoro, suco de uva, limão, peixe, carne de peixe, banana, melancia, morango, gosto”
3	1	“todo mundo no meu aniversário, rock and roll, palma” obs: história cantada no violão
3	2	“leão, grrrr, tigre”
3	2	“oi, (sons com a boca), tchau”
3	2	“assim papapa, tchau.. patu, assim, sim, é, papapa”
3	2	“oi, macaco, ein, (risos),

		flor, (risos), papa, (risos), macaco, o que foi, o que foi, tchau”
3	2	“eeee, grrr, uuuu, tchau, tchau”.